

A LITERATURA E A DÍNAMO

Nair L. Fobé

Pontfícia Universidade Católica de Campinas

O mundo de hoje poderia ser resumido em duas expressões: evolução técnica e comunicação. Nunca esteve o homem tão perto de tudo, como agora, ele está no centro, envolvido por todas as formas de comunicação audio-visual. O homem moderno permite a entrada em sua casa de todas as informações do que se passa em todas as partes do mundo. Essa exposição simultânea e rápida dos fatos é excitante e bem recebida e também efêmera e não compromissante. Não querendo estar ou ser alienado, o homem passou a se obrigar a ouvir tudo, desde as notícias que mal o tocam, pela rapidez com que deixam de ser notícias, até as novelas de televisão, incorporando seus personagens e suas falas na conversação diária. Às vezes sabemos mais de um personagem imagético e imaginário do que com quem trabalhamos.

Não há dúvida que estamos vivendo na era de comunicação, no entanto, o homem nunca esteve tão longe de uma comunhão com os outros. É verdade que fala, escreve, faz uso das artes plásticas, da mímica e todos os meios possíveis para estender-se, mas, nunca esteve tão profunda e paradoxalmente isolado, porque, apesar de tudo, sente-se incomunicável no sentido mais preciso da palavra.

Os sintomas decorrentes dessa solidão: angústia, fuga, frustração e manifestações em grupo, a busca de uma identidade perdida, demonstram como a neurose moderna e causada pelo avanço de uma tecnologia que sufoca o homem que vê instrumentado em vez de ser o instrumentador. Não há tratamento homeopático para a questão. O problema precisa de medidas de choque, Talvez o antídoto para o mal seja o vírus da própria doença — a automação. Então a resposta deve vir de um computador? (Lembro-me daquele computador que foi programado para traduzir do inglês para o russo o trecho bíblico bem conhecido que diz que o espírito está preparado mas que a carne é fraca, que, em inglês, é "the spirit is strong, but tht flesh is weak". A tradução dado pelo computador russo foi: "o whisky está bom mas a vaca morreu").

Nem o melhor computador poderia dizer das múltiplas dimensões que pode assumir o ser humano. Nunca haverá respostas definitivas para as mesmas e sempre renovadas e sempre originais perguntas que o homem tem feito para explicar-se e explicar o mundo em que vive. Cada

época busca sua própria explicação e a documentação do esforço do homem para resolver o mistério de sua própria existência está aí numa série de escritos que lotam as bibliotecas do mundo.

É por esse motivo que o estudo das línguas e das literaturas têm ocupado e sempre vai ocupar um papel de vital importância na formação integral de todo ser humano, que não procura apenas viver mas, antes de tudo, ter consciência de ser que é. A literatura não somente documenta os fatos através da ótica da imaginação, mas também antecipa os acontecimentos em visões míticas.

Vejamos num breve retrospecto como os maiores movimentos que têm marcado a trajetória do homem sobre a terra estão registrados na poética do mundo. Até o século XV, viria o homem imerso num mundo de crenças estereotipadas, onde o poder se concentrava numa pequena elite de nobres e clérigos que se dedicavam à ardua tarefa de aprender a se comportar em sociedade e ao difícil mister de nada fazer. Deviam preencher as horas infundáveis de ócio com dançar, ouvir os menestréis, caçar, comer, beber e ler e escrever poemas. Daí a literatura da época ser dirigida a essa classe social, revelando temas numa linguagem compreensível apenas dessa minoria. Assim a literatura tende a ser refinada e culta, essencialmente poética, cujo destinatário é uma pequena classe, marcadamente separada e distinta da grande massa do povo que se identificava nas e pelas canções e danças folclóricas, as quais eram transmitidas de geração à geração por tradição oral.

No século dezoito surge uma mudança social que terminaria o predomínio da classe aristocrática e iniciaria o domínio da burguesia. Os burgueses fizeram a revolução porque não era mais possível suportar a tirania dos nobres e proclamavam melhores condições para mais gente. Uma vez conseguido o que almejavam, passaram a desejar ter aqueles condições que envolviam a nobreza e contra as quais tinham lutado — maior conforto, belas residências, vida mais fácil e mais ociosa. Ocuparam as grandes mansões, adquiriram os objetos de arte e as belas bibliotecas e constataram que, fizessem o que fizessem, não conseguiriam adquirir aquele toque de classe que iria sempre diferenciar um nobre de um burguês. Sentiam que precisavam ler mas nunca poderiam compreender a linguagem e os temas e as colocações cultas e clássicas dos livros que formavam as belas bibliotecas das grandes mansões. Era necessário que se criasse uma nova forma literária que falasse dessa e para essa nova classe dominante — daí o nascimento do romantismo e, principalmente, de uma nova forma literária, a prosa, mais adequada para a narrativa. Surge, então, o romance que iria dominar o gosto pela leitura. Essa forma de expressão literária, dirigida à burguesia, iria até os fins do século dezenove, quando uma eclosão de novas idéias e novas formas de pensar iriam aturdir o pacato homem vitoriano que se sentia seguro, numa sociedade estru-

rada para lhe dar um máximo de conforto para um mínimo de esforço, que condicionava, do outro lado da escala social, um mínimo de conforto para um máximo de esforço. O homem de século dezenove sentiu que estava vivendo numa época de transição, com a introdução das primeiras máquinas, era o início da era do dínamo mas sua tranqüilidade estava garantida por um código de leis que determinava o que era certo e o que era errado.

Viu-se, então, a sociedade vitimada por duas guerras, onde as verdades aceitas foram desmentidas ou questionadas, perdida num mundo novo de idéias contraditórias, num mundo de êxodo do campo para a cidade, com a natural perda da inocência, com o contato com a corrupção e com uma atitude nova — a competição, que era em termos econômicos, a explicação da teoria de Darwin e Spencer. A moral particular passou a ser questionada, o antigo padrão da autoridade familiar foi derrubado. Falou-se, pela primeira vez, em sociologia de grupo que veio, de certa forma, justificar todos os desvios individuais. A psicologia tomou novos rumos com o trabalho de Freud que veio modificar as relações entre as gerações e explicar fenômenos que eram considerados tabus. A autoridade política e militar foi abalada pela primeira guerra e, como reação, tudo que fosse manifestação de autoridade passou a ser suspeito. A burguesia, com sua autoridade financeira, passou a ser ridicularizada, e, pouco a pouco, ajudada pela filosofia política de Marx, uma nova classe dominante começou a surgir — o proletariado que passou a se firmar contra os chamados “salauds” de Sartre.

Atrás de todas essas manifestações de confusão e incerteza, registrava-se um problema mais profundo — a incapacidade de se chegar a uma visão metafísica do homem que pudesse ser comumente aceita.

E nessa sociedade, onde começou a surgir uma carência pelas relações pessoais, já que cada um procurou, a sua moda, achar seu próprio equilíbrio, num mundo tão caótico e de idéias tão contraditórias e múltiplas, onde não mais havia lugar para verdades gerais mas só verdades particulares, o escritor, cuja sensibilidade é angustiosamente mais aguçada que a dos demais seres humanos, se viu só, numa sociedade que, paradoxalmente, começava a apregoar o comportamento e a comunicação em grupos. D. H. Lawrence escrevia em 1928 — “falar com os homens de hoje é tentar ter relações humanas com a letra X em algebra”.

Era, no entanto, necessário satisfazer a nova classe dominante, daí o aparecimento da literatura para todos. Infelizmente, a série de livros, revistas, jornais que surgiram para satisfazer a natural vontade de ler do homem tem demonstrado uma desesperadora pobreza na vida imaginativa do homem comum. Aquilo que formava a tapeçaria mais bela da tradição popular, o folclore, as lendas e o artesanato foram substituídos por uma tela de publicações de baixo valor literário — histórias de crime ou amor

erótico ou programas de televisão ou cinema que nada mais são que formas comercializados de escape da vida rotineira e mecanizada a que o progresso do dínamo condicionou o homem comum.

E aqui estamos nós, explicando porque a literatura é tão importante, porque ela não somente diz do motivo das ações humanas, situando-as no tempo e no espaço mas também testemunhando as diversas modificações do pensamento humano, fazendo com que o homem possa explicar melhor tudo que se passa a sua volta, a ligar seu presente ao passado e a projetar seu futuro.

Estamos agora numa época essencialmente marcada pelo progresso tecnológico e vemos com os artistas modernos estão essencialmente sob sua influência. Em "Understanding Media", MacLuhan faz ver que as tecnologias eletrônicas de comunicação estão reformulando a civilização do século vinte. Enquanto o homem da era da imprensa se habituara a ver cada coisa isoladamente, em seqüência (linha tipográfica), o homem contemporâneo experimenta incontáveis forças de informação e comunicação, simultaneamente (linha circular), por vezes, através de mais de um de seus sentidos. A comunicação se processa a um tempo, tumultuosa, caótica mas sintética. Hoje o artista tornou-se um fascinante exemplo de simultâneo avanço estético — como conseqüência e aproveitamento dos meios fornecidos pela técnica, os chamados meios de comunicação de massa, e, fato muito interessante, de um retorno àquelas fontes primitivas de magia-poética que levou a uma rotulação da arte contemporânea de "coisa de loucos ou ingênuos ou crianças". Daí o aparecimento da arte Pop, do Happening, das invenções plásticas em movimento (os chamados **mobiles**)" do já decadente Cubismo, da arte Prax, etc. etc.

E interessante notar o trabalho do engenheiro americano Alexander Calder, que fez da sua engenharia um instrumento do arbitrário poético. Não será por mera coincidência que esse artista-engenheiro, esse mecânico-poeta tenha nascido nos E. U., isto é, num país, de há muito absolvido pela Técnica e pela Mecânica. Reverte ele os valores oficiais dos objetos, e suas armações "mecânicas" não rendem outra coisa senão poesia gratuita. Sua "engenharia" e sua "técnica" não buscam vencer ou dominar a natureza. Alia-se a ela para maravilhosas improvisações.

Aí vemos por onde vão as aspirações do homem contemporâneo que passa a refletir nas letras e nas artes a sua preocupação em não se tornar um condicionamento limitado da técnica mas procura se valer dessa mesma técnica para se firmar num universo onde valores antigos são postos em dúvida mas que ainda não se sabe quais valores poderão satisfazer as aspirações de todos. Nessa busca de ordem e coerência, o homem cria e assim se imortaliza, projetando-se para além dos limites aceitáveis pela ciência, buscando no absurdo o equilíbrio que falta na realidade planejada pela máquina.